MARCAS DE RURALIDADE NA FALA URBANA

Florival Seraine

1. INTRODUÇÃO

1.1. Em nossa área geográfica e cultural, as relações entre o campo e a cidade, com projeção nos domínios da cultura e da linguagem, poderão ser examinadas, especialmente, em termos da continuidade do desenvolvimento demográfico e político-administrativo, no próprio local do núcleo originário, como também, dos surtos migratórios, intra-areais, na sucessividade temporal. No primeiro caso, teremos uma visão retrospectiva da urbe, desenvolvida a partir – como se indicou – do primitivo núcleo populacional, surgido na zona litorânea, à margem de um forte ou fortificação: pequeno povoado, depois vila e, por fim, a cidade, a exemplo da nossa Fortaleza, antiga Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, nascida e evoluída em torno do fortim erguido pelo holandês Matias Beck, nos inícios do século XVII.

Poderemos registrar ainda o fato de o crescimento demográfico ter brotado de simples fazenda de criação, em zona sertaneja, como no caso de certas cidades, Sobral entre outras.

"Ao terminar o século XVII – observa Joaquim Alves, um estudioso da formação histórica do Ceará – o drama do povoamento do Nordeste seco estava em sua fase final. O que se realizou depois foi o trabalho de consolidação". Anota ainda o autor referido: "As populações cresciam em torno das fazendas, de onde nasceram os povoados que serviam de pouso aos viajantes e, mais tarde, se transformaram em vias e cidades".[1]

Contudo, não deve passar despercebida a ocorrência de a atual cidade proceder de antigo aldeamento indígena, de o povoado "em que eram reunidos e missionados os índios" ser a origem de alguma urbe interiorana, nas condições históricas da Viçosa cearense.[2]

Na segunda eventualidade, apontada de início, deparamos com as correntes migratórias do homem do campo para a cidade, que vêm, desde séculos, acontecendo no Nordeste (destacada por nós aqui a região cearense) e cujos motivos serão fatores de ordem econômica diversa, mas, entre

os quais, avulta o fator seca "como fenômeno de ordem mais geral".[3] O certo é que o efeito das irregularidades pluviométricas sobre a economia do Estado é de importância capital no êxodo das populações rurais para a zona urbana, onde os seus integrantes a princípio se fixavam na zona suburbana ou na periferia da cidade e, em nossa época, afluem para as **favelas**, situadas nos arrabaldes ou em certos trechos litorâneos da urbe. Trazem eles consigo todo o seu patrimônio espiritual, a sua cosmovisão, a sua escala de valores vitais e, obviamente, também as suas peculiaridades lingüísticas.

1.2. Antes de abordar o tema central do presente ensaio, achamos conveniente frisar a maneira diversa de povoamento do solo, da irrupção gradual das cidades desta subárea, em relação ao que aconteceu em outros ambientes físicos e sociais. Basta considerar, a propósito, o modo como nasceram as cidades medievais, ao norte da Itália e nos Países Baixos, chegando um historiador como H. Pirenne a declarar: "Em nenhuma civilização a vida urbana se desenvolveu independente do comércio, da indústria".[4]

No território americano, o povoamento se deu, mesmo nos Estados Unidos, sob outras contingências histórico-sociais e em meios fisiográficos diferentes. T. Lynn Smith, a propósito, observa que, não obstante quaisquer disparidades ou divergências que se possam notar entre o rurícola brasileiro e o do seu país, "deve considerar-se que todos os aspectos da vida rural são condicionados diretamente pelo meio físico e que a pessoa rural acha-se mais sujeita ao meio orgânico que a citadina".[5] Frisa a opinião de Bernard, que salientou o fato de os moradores no campo se acharem mais sujeitos à ação dos fatores naturais que os citadinos e que esta se reflete no próprio elemento psicossocial que designa o comportamento interior (atitudes, ideais, desejos da população humana). "Os costumes, hábitos e usos populares (**folkways**) e os símbolos externos, como a linguagem, constituem as expressões exteriores dessa categoria".[6] Em verdade, eles se movem dentro de um **ecossistema** – para usar a expressão de E. Wolf – que lhes marcará o comportamento, estendendo-se a sua influência até à própria elaboração lingüística.[7]

1.2.1. A propósito das relações sócio-culturais entre a cidade e o campo, cumpre-nos trazer à baila aqui os estudos que, há pouco mais de duas décadas, empreendeu o antropólogo-lingüísta German Fernandez Guizzetti, os quais nos parecem de interesse na orientação metodológica de nossas pesquisas. Firmado nas idéias fundamentais de R. Redfield e nas concepções de E. Palavecino atinentes ao meio argentino, Guizzetti divulga o resultado de suas investigações científicas numa área do seu país, cujo centro urbano situa na cidade de Rosário de Santa Fé, a qual se caracteriza pela existência de mudanças culturais e mobilidade sócio-demográfica acentuadas.[8] Área essa que, em traços gerais, apresenta, sob esses aspectos, analogias com a nossa, do Nordeste brasileiro.

Da tipologia, proposta pelo autor citado – **comunidades folk, semifolk** e **complexo rural-urbano** –, importa-nos, sobretudo, a consciência deste complexo, pois que – como acentua E. Wolf – há entre a cidade e o campo um compromisso permanente, "o campesinato sempre existe dentro de um sistema maior".[9] Idéias essas que se acham expressas com aguda penetração antropológica em obras de um Redfield e outros.[10] Desse persistente contato social, econômico e cultural entre a cidade e o campo, embora às vezes aparentemente diluído ou pouco ativo, é que se deverá buscar apreender o fluxo dos elementos ou complexos lingüísticos que participam do intercâmbio respectivo, tentar situar a sua maior incidência nos tipos de comunidades caracterizadas sócio-culturalmente em sua localização territorial ou topográfica, na área enfocada. Trabalho sistemático e de organização em moldes científicos, cuja realização, aliás, já sugerimos num trabalho publicado anteriormente, com vistas à busca da delimitação de níveis lingüísticos intermediários, em comunidades respectivas do tipo daquelas culturalmente distingüidas por Guizzetti.[11]

2. OS FATOS LINGUÍSTICOS

2.1. Em admirável síntese expressou-se W. von Wartburg: "A linguagem não está só no espiritual; participa, como conseqüência de sua complexa natureza, das quatro camadas do ser do homem. Vai também determinada por tudo aquilo que sucede na vida de um povo e é escusado ressaltar o importante papel que nela desempenham as camadas inferiores do ser".[12]

Ocupar-nos-emos aqui de algumas ocorrências lingüísticas que revelam a importância de estudar "as relações entre fatos de língua e fatos de civilização", evidenciando-se, por vezes, que nem sempre mudanças de expressão acompanham mudanças técnicas e culturais, e vice-versa.

A posição do indivíduo, sua atitude ante a vida e o meio ambiente, sofreram alterações consideráveis no curso histórico, mas suas formas expressivas em relação a certos fatos da natureza e da cultura foram conservados, em certos casos, embora haja desaparecido a correspondência entre a realidade objetiva e os modos expressivos em relação a ela.

Nosso plano de investigação atual projeta-se ao campo das "marcas de ruralidade", que vimos buscando surpreender na fala urbana de Fortaleza, capital do Ceará, pertencente à área nordestina.

Já nos ocupamos largamente do uso do adjetivo **bonito** para expressar o tempo atmosférico, fato subordinado a sentimentos e juízos de valor relativos aos habitantes de áreas geográficas diferentes, onde o fator **chuva** é valorado, positiva ou negativamente, ou ainda encarado sem relevo "afetivo". Anota-

mos a persistência do fato lingüístico, que é essencialmente de origem e fundamento rural, na própria urbe e em todas as camadas sociais, com relação direta ou indireta, real ou ideal (de valores), com o campo. Propusemos uma investigação em determinados estratos ou grupos sociais, selecionados apropriadamente, no sentido de verificar a persistência, ou não, do modo expressivo, em face da crescente industrialização e urbanização observadas na capital do Estado, nestes últimos decênios.[13]

Deixamos então patente o grau bem mais nítido de ligação ou aproximação à natureza que se registra por parte dos rurícolas, em relação ao homem da cidade, o qual se reflete na criação das metáforas e no uso de comparações ou símiles.[14]

Agora estamos diante de fatos da linguagem coloquial, na época presente, que, embora tragam as citadas "marcas de ruralidade", comportam explicações de outra ordem, porquanto não implicam raízes psicológicas idênticas, valorações e sentimentos da mesma classe ou intensidade "afetiva", na gênese da elaboração lingüística. São, no entanto, modos elocutivos para designar atos ou processos da vida ordinária, que refletem significado histórico, em sua permanência no discurso normal, fora do seu real contexto dentro da temporalidade. Encerram essas formas de expressão grande poder evocativo, pois elas nos conduzem em pensamento aos primórdios da nossa civilização, quando os primeiros núcleos populacionais começaram a se organizar, em contacto direto com a natureza ambiente.

2.2. Referimo-nos, de início, às locuções **botar no mato, jogar no mato, atirar no mato** ou, mais cearensemente, **rebolar no mato; ir no mato; ganhar o mato**, cujos significados são diferentes, designando a primeira: jogar ou atirar fora; desperdiçar; a segunda: ir defecar; e a terceira: fugir, evadir-se. Continuam elas a circular, tanto no meio rural como no citadino, embora, neste, **o mato** já esteja bem distante e muitos dos seus habitantes nunca o hajam visto de perto ou diretamente. Não será difícil reconstituir-se a ocorrência lingüística em concordância com o ambiente primitivo dos núcleos de povoamento, cercados ainda pela selva, em contacto direto com a natureza circundante.

Consoante aos dizeres de Ulmann: "A língua goza aqui um papel conservador: o nome é conservado mesmo quando o sentido foi modificado pelo desenvolvimento da civilização, dos costumes ou da ciência".[15]

Em nosso caso, a locução ou sintagma primitivo, produto da linguagem que, em trabalho anterior, denominamos de **construída**, foi sendo **transmitida**, através do tempo, com a mesma acepção, embora já perdida a sua concreção básica e o seu sentido tornado mais genérico e abstrato.[16] O fenômeno lingüístico originário decorrerá de uma atitude individual ante a realidade objetiva, o mundo circundante. Poderá ter ocorrido nos inícios

do povoamento regional e desde aí vir sendo transmitido de gerações a gerações, de modo a tornar-se a sua forma expressiva automatizada pelo uso. Mas, numa região como a cearense ou mesmo a nordestina, em que, devido aos flagelos periódicos das secas e fatores outros de menor relevância, o êxodo rural para o âmbito citadino tem sido constante, através de séculos, pode a ocorrência ter chegado à capital em migrações interioranas, no curso histórico.

Vimos, pois, se a nossa hipótese for justa, que, no caso, ocorrerão sempre dois tipos de linguagem – a **construída** e a **transmitida**, que foi conservada pelo automatismo do seu reiterado emprego.

Luís da Câmara Cascudo observa que "para todo o sertão do Nordeste **ir ao mato** é defecar", e declara ser o fato uma "reminiscência dos indígenas". Apóia-se em Barbosa Rodrigues (**Poranduba Amazonense**, Rio, 1890). Por fim, no mesmo tópico, comenta picarescamente: "Antiga anedota recorda velho sertanejo, viajando por mar, procurando aflito o **mato** do navio".[17]

Não ousamos contestar a opinião do erudito folclorista, mas aqui – advertimos – o que nos interessa é a sobrevivência de uma locução que, de toda sorte, se originaria de um contacto individual direito com o meio cósmico, o ambiente natural. Sobrevivência de uma forma expressiva que se acha associada a u'a motivação surgida diante do **mato**, que era o universo circundante.

Antenor Nascentes registra e define a locução: "**ir ao mato** – ir fazer necessidade corporal". Aduz o seguinte comentário: "Na roça, às vezes não há aparelhos sanitários, de modo que as necessidades se fazem geralmente no mato". Registra e define também no mesmo verbete: **cair no mato** – fugir pelo mato; fugir.[18] **Cair nos marmeleiros**, cair no **bredo, ganhar nos paus**, são outras locuções de que faz uso o rurícola, dentro do mesmo campo semântico. Gustavo Barroso aponta: **entrar no bredo** (meter-se no mato).[19] O citado Nascentes refere como peculiaridades cearenses: **cair no bredo, ganhar no bredo, pôr-se no bredo**, com o significado de fugir.[20] Anota, ainda, como brasileirismo do Ceará, **danar-se no marmeleiro**: fugir pelo mato; fugir.[21] Leonardo Mota traz no **Elucidário** final de **Cantadores**: "**ganhar o bredo, ganhar os mamelêro** (marmeleiros), **ganhar os mororó**: fugir, correr pelo mato afora".[22] Os nomes dos vegetais **bredo, marmeleiro** e **mororó** são os de "plantas agrestes, que nascem espontaneamente, sem o cultivo do homem, como se acha na definição de **mato**, constante do **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, da autoria de Macedo Soares.[23] No "**Vocabulário Pernambucano**, de Pereira da Costa, acham-se consignadas as locuções **ir ao mato**, com a acepção de defecar: **ganhar o mato** ou **meter a cabeça no mato**, equivalendo a fugir, desaparecer, ocultar-se; **botar-se ao mato** – sair para procu-

rar, descobrir alguma cousa, fazer indagações; pesquisar; locuções estas, das quais apenas nos interessam as duas primeiras, pois a última surgirá talvez esporadicamente no falar cearense.[24] O **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa** (Dicionário Brasileiro), depois de definir **mato** como "campo inculto de plantas agrestes; brenha"; e "as plantas agrestes de pequenas dimensões, como urzes, tojos, estevas, moita, etc.", inclui no verbete respectivo as locuções: **botar no mato** – deitar fora, considerando-a brasileirismo popular; **ganhar o mato** – fugir, desaparecer, cair no mato – brasileirismo do Nordeste, o mesmo que **cair no mato**; **ir ao mato**, como significado de ir defecar – brasileirismo também da fala popular.[25]

Quanto à prata de casa, isto é, aos léxicos estaduais, apresentamos inicialmente o que se acha, de nosso interesse, no **Vocabulário Popular Cearense**, da lavra de Raimundo Girão: "**mato** – s. m. – A mata, a catinga. **Ganhar o mato** ou **cair no mato** – fugir, meter-se na catinga. **Botar no mato** – jogar fora . . . **Ir no mato** – ir defecar".[26]

No **Dicionário de Termos Populares (registrados no Ceará)**, de nossa autoria, no verbete de **mato** registrou-se: **botar no mato** – atirar fora, botar fora, deitar fora; **ir no mato** – ir no quintal, ir à latrina, defecar; ir defecar. Não se esqueceu de frisar que as locuções eram de uso popular corrente, mas de tom plebeu e rural.[27]

Folheando o **Dicionário de Termos e Expressões Populares**, publicado por Tomé Cabral, encontramos: "**Mato** – s. m. – A zona rural. 2) Latrina improvisada, no mato. O mesmo que **cagador**. "Cidadão, me ensina onde é o **mato** deste navio". (Leonardo Mota – **No Tempo de Lampião** – p. 75). **Ir no mato** (ou ir no mato) – o mesmo que ir lá fora, isto é, defecar. A expressão sertaneja **ir ao mato** tem o mesmo significado de tantos verbos que a linguagem polida evita". No mesmo verbete encontramos ainda as locuções **cair no mato**, **ganhar o mato** com os sentidos que referimos há pouco.[28] A propósito da locução **ir no mato**, encarada não sem certa intenção jocosa ou picaresca, através do episódio narrado por L. Mota, com que se abonam Câmara Cascudo e T. Cabral, é certo que a acepção atribuída ao vocábulo **mato** pelo viajante rurícola se acha integrada ao campo semântico do nosso interesse. O que o locutor inculto e espontâneo simplesmente desejava, naquele ensejo, era de fato **ir ao mato** satisfazer uma necessidade fisiológica, como habitualmente o fazia, no seu povoado ou fazenda interioranos.

O **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de autoria do filólogo lusitano Cândido de Figueiredo, no verbete de **mato** ("terreno inculto, em que crescem plantas agrestes; conjunto de pequenas plantas agrestes") apresenta a locução **botar no mato** com os significados de 'deitar fora', 'desperdiçar', acrescentando ser a mesma um brasileirismo do Norte.[29]

M. Viotti, em seu **Dicionário da Gíria Brasileira**, averba **pôr no mato** – jogar fora por imprestável; e **cair no mato** – fugir, esconder-se.[30]

Tentaremos agora exemplificar os fatos lingüísticos mencionados, colocando-os no contexto oral onde surgem, de acordo com os níveis sócio-culturais dos falantes. "Tudo qu'eu dô pr'essa menina ela **bota no mato**". "**Jogue** isso **no mato**, menino, isso vai sujá a sua roupa . . ." "Eu acabei de **rebolá no mato** aqueles resto de comida". O emprego da locução com as acepções referidas pode verificar-se em todos os níveis, no culto, no semiculto e no inculto, na fala urbana ou da capital cearense. Verifica-se também, aí, na linguagem normal, uma extensão do sentido originário da forma expressiva que nos ocupa, na elaboração semântica de construções como estas: "Cabra safado! **Butô no mato** tudo quant'herdô do pai" . . . "O jogo fez **ele** butá tudo **no mato**; **butô no mato** até a vergonha!" . . .

Nesses casos a locução **botar no mato (rebolar no mato, jogar no mato)** adquire a acepção de desperdiçar, isto é, atirar fora, perder desastradamente, imprevidentemente. Não se retringe apenas o sentido às coisas materiais, mas alcança também o plano moral, ou espiritual. No tocante a **ir no mato** 'ir defecar' e **cair no mato, ganhar o mato** 'desaparecer', 'evadir-se', só nos níveis semiculto e inculto podemos encontrar modos expressivos do tipo: "Quando quiseram pegá ele, ele **ganhou o mato**. . ." "Ele, quando viu a coisa preta, pernas pra que te quero, foi logo tratando de **caí no mato** . . ."

Observe-se, porém, que tais locuções, mesmo a primeira, circulam em Fortaleza, na linguagem familiar e coloquial, espontânea, embora em menor escala do que antigamente.

2.3. Na mesma órbita do interesse lingüístico e sócio-lingüístico cumpre citarem-se mais duas locuções que são marcadas pela origem rural e ainda hoje conservam a sua forma íntegra, inalterada, apesar de circularem em ambientes onde a sua expressividade não encontra mais correspondência na realidade objetiva. Referimo-nos às locuções: **mandar** ou **levar a roupa pro rio** e **ir na** (ou pra) **rua**, que nos falam de ocorrências distantes de nós no tempo e/ou no espaço. No primeiro caso, evocam-se as habitações rurais, os primeiros núcleos de povoamento, que eram erguidos preferentemente nas imediações de cursos fluviais, conforme registram os historiadores.[31] Hoje a expressão está generalizada aos lugares interioranos, na linguagem familiar, especialmente, e alcança ainda níveis urbanos, estratos sociais inferiores ou da periferia, na capital. "Teresa, **mande logo essa roupa pro rio**" . . . "Num vá s'isquecê de **levá essa roupa pro rio**, tá ouvindo, cumade?!" Na maioria dos lugares onde ainda hoje circula a expressão ou sintagma referido não se observará qualquer **rio** ao alcance da perspectiva do falante; mas, construído diante da realidade rural, o modo elocutivo passou a ser **linguagem transmitida**, que se automatizou pelo uso reiterado. "Vou já me vestir, preciso de **ir na rua** agora mesmo: fazer umas

compras, pagar o Banco . . ." **Ir na rua** ou **ir pra rua** corresponde a 'ir ao centro da cidade', ao trecho desta onde se localiza o foco principal da vida urbana. A. Nascentes registra a locução, em seu sentido originário, ainda hoje, por certo, circulante em pequenos núcleos rurais, a expressar plena concordância com a realidade ambiente. Define Nascentes a locução: "ir ao povoado, à vila, ao centro da cidade", informando ser a mesma do Ceará.[32] De fato, ela é corrente aqui, em todos os níveis sócio-culturais. "Me meti naquele sítio, lá na serra, nunca mais **fui na rua**" (culto). "Num vô tão cedo **na rua**, gastei meu dinheiro todinho lá!" (semiculto e inculto).

Raimundo Girão, no seu **Vocabulário**, define **rua**: s. f. – a cidade, a vila, o povoado. E acrescenta: "Vou à rua". Diz assim quem está longe dela, no campo, nas fazendas.[33] No **Dicionário de Termos Populares**, de nossa autoria, registramos o termo, definindo-o: "cidade, povoado", com a anotação respectiva de que essas acepções pertencem à linguagem rural. Considerou-se também, no aludido verbete, como oriunda do campo, a locução **ir pra rua** – ir ao povoado, à vila, ao centro da cidade.[34]

A forma expressiva conota a existência de uma só rua – "a rua" –, que os habitantes de uma fazenda, povoado, ou pequena vila de nossa hinterlândia, caracterizavam (ou caracterizam) como o lugar do comércio e dos contactos sociais da comunidade.

Tomada ao pé da letra a expressão, na fala dos habitantes de uma grande cidade como Fortaleza, não se ajustará mais ao específico e peculiar sentido que teve originariamente. Quem contribui para esclarecer a acepção peculiar de **rua**, na área nordestina, é o estudioso alagoano Paulino Santiago, que define o termo: "A parte maior ou menor habitada de uma aldeia, um povoado. – "Eu moro na praia, mas meu filho mora na **rua**".[35]

2.4. Uma investigação rigorosa acerca dos fenômenos lingüísticos focalizados só poderá ser de cunho global se incluir as três dimensões em que devem eles ser encarados cientificamente: a espacial, a dos níveis sociais e a das modalidades estilísticas.[36] Num estudo global está visto que deveremos interessar-nos pela gênese e o processo histórico, bem assim pela funcionalidade atual das ocorrências.

Antes do mais, cumpre delimitar a área geográfica onde se registra o fato. Destrinçar se é local, regional, nacional ou tem projeção ecumênica. Para isso, mister se faz a busca sistemática de bibliografia ou documentação escrita, mormente consulta adequada a léxicos, vocabulários, glossários, regionais, especialmente com relação ao domínio lingüístico português, depois ao romântico, assim por diante. Só assim poderemos verificar se as ocorrências de que tratamos são peculiaridades nossas ou registáveis em quaisquer comunidades lingüísticas do planeta, que apresentem as mesmas condições de relacionamento entre o urbano e o rural, a permitir a difusão ou a per-

sistência entre os citadinos de formas expressivas plasmáveis ante uma visão do mundo peculiar apenas aos habitantes do campo.

Quanto ao aspecto diastrático da investigação é ele, sem dúvida, de suma importância e talvez só capaz de ser exercido com segurança na sincronia atual. Mas nenhuma documentação a respeito poderá ser desprezada, antes valerá como fator ilustrativo, esclarecedor.

Cada um dos fatos enfocados constitui um caso **sui generis**, particular, a ser examinado. Não trataremos do lugar onde o seu aparecimento será justificável pela concordância da expressão lingüística com o fragmento ou aspecto da realidade objetiva que ela denota. Buscaremos indicar os níveis sócio-culturais em que se verifica o fato com maior ou menor intensidade, no meio urbano, no caso a capital do Estado, Fortaleza, cidade com acima de 1.300.000 habitantes, segundo os últimos dados estatísticos oficiais.

Nossa experiência do linguajar cearense, urbano e campesino, nos facultará, **grosso modo**, conclusões quantitativas a respeito de cada um desses fatos. Podemos dizer – ao que temos observado – que a locução **botar, jogar, atirar** ou **rebolar no mato** pode ser registada em qualquer nível sócio-cultural urbano com a acepção de pôr, botar ou atirar fora e também, por extensão, com a de desperdiçar. Já **ir no mato**, com o sentido de defecar, só em níveis culturais mais baixos, ou na periferia da cidade, poderá surgir. Deve notar-se, porém, que um indivíduo pertencente à classe culta poderá usar esporadicamente a expressão, em tom burlesco ou jocoso. Quanto a **cair no mato, ganhar o mato**, com o significado de fugir, evadir-se, poderá ocorrer em qualquer nível, mas será predominante entre incultos e semicultos. O culto envolverá também a emissão vocal num tom levemente faceto ou jocoso, se acaso empregar a locução. Com respeito a **ganhar o bredo, o mororó** ou os **mamelêro**, anotamos que são formas expressivas peculiares ao rurícola, ao habitante do interior do Estado.

Levar a roupa para o rio, embora seja peculiar ao homem do campo, poderá surgir na urbe, mormente entre pessoas da periferia, ou do próprio centro da cidade, com ligação direta ou indireta (psicológica) à vida campestre.

Os modos elocutivos **ir na rua** ou **ir pra rua** não são estranhos à fala citadina, embora nas mesmas circunstâncias ou situações expressivas prefira o seu usuário, hoje em dia, a locução **ir na cidade** ou, os mais cultos, **ir à cidade**. Certamente, na pequena vila, povoado ou fazenda interiorana o seu emprego será mais oportuno e adequado.

Por último, trazemos à baila o uso do sintagma **no mato** na locução **morar no mato** ou **morar nos matos**, que aparece na fala urbana e corresponde a: 'morar ou residir' não só 'em lugares onde ainda existe **o mato**', ou onde ele se acha circunvizinho, em rincões afastados e selváticos da hinterlândia, como

também 'a qualquer lugar fora do âmbito citadino', seja ele povoado, vila ou mesmo cidade interiorana. Exemplo: "Vô m'imbora da cidade. Tô disposto agora a **morá no mato** . . ." Modo expressivo este, mais peculiar a um habitante da cpital, mormente da sua periferia, bairro distante ou zona suburbana. Já na expressão: "Cumpade, eu agora tô **morando no(s) mato(s)**, lá tudo é tão difícil . . .", a mensagem deverá partir de um campônio para outro que vive em núcleo populacional constituído, onde há rua, comércio, etc. Observe-se ainda que **morar no mato** pode ser substituído em certas situações elocutivas por **mudar para o mato, viver no mato, ficar no mato**, etc. Exemplos: "A casa dele **fica no mato**, longe de tudo . . ." "Não sei por que ele resolveu se **mudar pro mato** e não voltou mais na cidade . . ." "Ele deixou a cidade e foi **viver no mato** . . ."

Todos esses modos expressivos, acima citados, podem constar tanto da elocução normal urbana, dos habitantes cultos da metrópole cearense, como da fala dos que pertencem a níveis sócio-culturais mais baixos, na escala diastrática.

O certo é que se torna evidente aqui a separação nítida estabelecida pelo falante nordestino entre a urbe e as zonas menos evoluídas sócio-culturalmente, que ele denomina, extensivamente, em certos casos, de **mato** ou **matos**, referindo-se mesmo a uma cidade ou vila interioranas. Isso se ajusta, sem sombra de dúvida, à idéia, que persiste no ânimo do citadino, de que, saindo da Capital, o que vamos encontrar é apenas selva, **mato**, circundando os núcleos habitados.

Em realidade, o fato parece decorrer das condições mesmas do nosso povoamento, da irrupção gradual, "dentro do mato", das nossas cidades, tão diverso, por exemplo, do que aconteceu em outros ambientes físicos ou sociais.

2.5. Procedamos agora a um exame mais aprofundado das formas expressivas que ora nos interessam, merecendo cada uma delas consideração particular, relativamente ao seu campo semântico, conotações várias, etc. No tocante à locução **botar no mato** e às que possuem a mesma acepção, observa-se que, na maioria das circunstâncias de fala, à emissão da sentença, acha-se o objeto da ação envolvido em certo tom pejorativo ou depreciativo, equivalendo o aludido objeto a qualquer cousa desvaliosa, sem préstimo, ou até repugnante. No termo **mato** pode encontrar-se implícita a idéia de 'campo inculto de plantas agrestes', 'plantas agrestes de pequenas dimensões, como urzes, bredos, etc., que se vêem nos terrenos baldios, nas vizinhanças das próprias habitações, no meio suburbano ou mesmo urbano'. Não conotará a expressão, nesses casos, a idéia de selva, mata distante da cidade.

No perímetro urbano poderá a locução ser substituída por **jogar no lixo, jogar no monturo** ou até **jogar na coxia**, termo este que, em Fortaleza,

é sinônimo de sarjeta.

Em síntese, o que a locução busca expressar aqui é o ato de atirar fora qualquer coisa ou objeto imprestável, desvalioso ou mesmo repelente. Exs.: "**Rebola** já **no mato** essa porcaria . . ." "**Jogue** logo isso **no mato**, que já tá começando a feder . . ." Há casos, porém, em que a locução perde toda concretude originária, a sua referência direta, imediata, e corresponde apenas a perder, desperdiçar, esbanjar, etc. "Sujeito desastrado: **jogou no mato** toda aquela herança, **jogou no mato** até a honra, a vergonha . . ." Com o esquecimento da alusão tópica inicial (**jogar no mato**), dá-se a extensão do sentido da locação que se generaliza (**jogar fora**), verificando-se, no **encadeamento** sucessivo, perda total da correspondência semântica à motivação primária em face do ambiente natural ou cósmico. Brotam então matizes semânticos diversos, em que o sentido físico, material, da locução passa a espiritual ou moral (**jogar** ou **botar no mato** a fortuna. . . a honra. . . a dignidade). **Catacrese**, **sinédoque**, **metáfora**, são designações dessas **figuras** ou **tropos**, criadas pelos gramáticos antigos.

Evidentemente, importa bastante conhecer em cada um dos casos a peculiaridade das transformações semânticas aí observadas.

Mas – segundo anota J. Vendryes, com sábia penetração – não será suficiente nos determos nas abstrações escolásticas relativas aos **tropos**, tão estudadas desde os velhos autores da retórica. É necessário chegar-se até "às realidades que representa a palavra".[37] Sem dúvida, não ocorrerá, na sincronia atual, dentro da área enfocada – conforme já se observou –, uniformidade na apresentação dos fatos aludidos, quanto à situação geográfica e aos níveis sócio-culturais predominantes; quanto ao grau de coincidência com a realidade ambiente do seu conteúdo expressivo; quanto ao seu afastamento, maior ou menor, da acepção primitiva, no que tange à realidade concreta, objetiva.

Assim, a locução **mandar** (ou **levar**) **a roupa para o rio** não deve ser encontrada, a não ser esporadicamente, na fala dos habitantes do centro urbano, considerada aqui a dos integrantes dos níveis sócio-culturais mais elevados de Fortaleza, devido ao uso moderno das máquinas elétricas de lavar roupa, que aí se generalizou, ou então ao fato de serem as roupas lavadas nos próprios domicílios por mulheres contratadas, que exercem as suas tarefas em lavanderias adequadamente construídas. Entretanto, na própria Capital do Estado, em níveis mais baixos ou na periferia urbana, ainda se explicará o uso da locução, pelo motivo de as roupas sujas serem lavadas comumente pelas lavadeiras **en plein air**, em córregos, riachos ou lagoas, de serventia pública, as quais, por extensão, ainda podem receber o nome de **rio**. Na zona rural propriamente dita, em localidades que se formaram à margem ou próximas de curso d'água, embora – como se sabe – não sejam elas perenes

na região, nessas localidades, ainda hoje, não será figurado o emprego da locução referida, como se ela acaso ocorrer entre a elite urbana ou os falantes do centro da capital, o que, aliás, nunca se verificaria na mesma proporção de **jogar, botar, rebolar no mato** ou **ir na rua, ir pra rua**, que também trazem a "marca da ruralidade" e são de uso quase geral.

Jogar no mato > jogar fora nos leva a considerar estas expressões de velho lingüista francês: "Tanto como a psicologia, as mudanças de sentido indicam as condições sociais dos povos". E, logo em seguida: "A idéia de **dentro** e **fora** se expressa na maioria das línguas indo-européias pela oposição da casa e do campo. "**Fora** é o que cai além da porta . . ." Em latim, grego, persa, irlandês, bretão, lituano, é encontrada sempre essa nítida oposição, que em persa se traduz: "**fora** o que está no campo", o que para nós, desta área, equivalerá a "o que está **no mato**".[38]

Ir no mato também se incluirá, em sua origem, nesse campo semasiológico: ir defecar **no mato**, isto é, **fora de casa. Ganhar o mato**, a princípio equivaleria a fugir de casa, **mato** em fora . . .

A. Meillet, depois de admitir que "os desenvolvimentos de sentido refletem a organização social, a organização doméstica", observa que o signo **dehors** (fora) provém do nome da **porta** . . . e isto coincide com o fato de que simultaneamente com **dehors** se diz "aux champs", isto é, "**hors de la maison**" (fora da casa) . . ." Em síntese, mostra ele, nesse trecho da sua obra principal, a identidade de sentido entre **dehors** (fora), **hors de la maison** (fora da casa) e **aux champs**, correspondente, de certo, aos nossos sintagmas **nos matos, no mato** – identidade essa, registada em estudo comparativo, procedido em diversas línguas, faladas por povos mais ou menos distanciados uns dos outros, no tempo e no espaço, mas pertencentes ao mesmo ramo, de onde procedem as línguas neolatinas.[39]

Importante será o encontro de novos elementos informativos, em autores dignos de crédito, sobre a provável estrutura conceptual ou semântica dos modos expressivos em exame, em diferentes áreas de diversos domínios lingüísticos, mesmo os não incorporados ao grupo indo-europeu.

Não se ignora que, em outras línguas, formas elocutivas, análogas em sua evolução semântica a **jogar no mato** (jogar fora), subsistiram no colóquio normal, apesar de já não coincidirem com a realidade objetiva que expressavam originariamente. São bem conhecidos alguns exemplos no francês e no alemão e, entre esses, destacamos o caso da locução **envoyer aux galères**, que persistiu na fala coloquial muito tempo depois de haver desaparecido a sua coincidência com a realidade expressada, ficando apenas a significar a 'condenação a uma pena grave'. Merecem ainda registo os casos de **papier** (latim **papyrum**), **plume** substituindo a **plume d'ore** e outros fatos. W. Porzig cita casos análogos extraídos principalmente do alemão.[40]

2.6. A propósito de **ir na rua** ou **ir pra rua** cumpre-nos observar que a Lynn Smith não escapou a forma expressiva **ir ao comércio**, de um "costume brasileiro tão profundamente arraigado quanto o **go to town** dos norte-americanos".[41] Evidentemente, a locução que enfocamos e a apresentada pelo sociólogo pertencem ao mesmo campo semântico, pois é perceptível a relação de sentido entre elas. Ambas decorrem de uma atitude psicológica do habitante do sítio ou fazenda, motivada pelos valores de ordem econômica e social que ele encontra no povoado, na vila, no núcleo **urbano** a que se acha ligado mais diretamente para usar aqui um termo preferido do citado Smith.[42] É de supor que as identidades apresentadas nesses **ecossistemas** do Novo Mundo se reflitam analogamente na elaboração dos modos expressivos em exame, quando ainda podiam ser julgados **linguagem construída**. A sua persistência na macrocomunidade atual – **linguagem transmitida** de microcomunidades contactantes ou dentro da própria grande urbe, na sucessividade temporal – é o que nos interessa observar e registar para a análise, pois não encontramos indícios, até agora, de que as locuções enfocadas houvessem chegado da Península Ibérica, mesmo consultando léxicos da importância do **Thesouro da Lingua Portugueza**, de Fr. Domingos Vieira (1873), o **Diccionario**, de Morais (1831) e o **Dicionário Etimológico**, de José Pedro Machado.[43] Acrescentamos que em toda a literatura clássica e anteclássica do nosso conhecimento, jamais deparamos com o uso das locuções aqui encaradas, dentro dos campos semânticos do nosso interesse. Todavia, Antenor Nascentes, em seu **Dicionário Etimológico**, lembra que **rua** em espanhol é rua de povoado.[44] Essa particularização do sentido do vocábulo "**cale de un pueblo**" revelaria **paralelismo** na concepção originária, ou seria um **empréstimo** a outro domínio lingüístico, no caso o português, europeu ou americano? Cremos, a propósito, não deverem ser deslembradas aquelas palavras de Charles Bally, quando declara não haver sistema lingüístico, por mais isolado e compacto que seja, que fique livre completamente das influências que chegam, quer de fora, quer dos subgrupos, quer dos indivíduos, "porque as comunidades sociais mais fechadas não vivem de todo no isolamento e nunca são inteiramente heterogêneas".[45] Digna de exame é a locução **tomar el olivo**, que significa 'fugir', segundo J. Casares.

2.7. Não encerraremos este capítulo sem aludir a um aspecto da cosmovisão, a maneira como os indivíduos concebem e valoram o âmbito cósmico, a qual se reflete no fundamento das elaborações lingüísticas.[46] Como para as mentalidades primitivas não existe um espaço homogêneo e neutro, mas nele ocorrem roturas, quebras, diferenciação profunda em dois segmentos – o sagrado e o profano – para os povoadores da hinterlândia deveria existir uma separação relevante entre o espaço de **dentro** – a casa, o lar, a habitação, não raro por eles próprios construída, e o espaço de **fora da casa**: o **mato**,

onde se lançam as coisas imprestáveis ou repelentes; que se busca para expelir dejeções corporais; ou onde se sumiam os trânsfugas, protegidos pela difícil penetrabilidade, a escuridão envolvente, da floresta tropical, em brusco afastamento do mundo povoado, das criaturas humanas.

É certo que não são da mesma ordem, não pertencem à mesma categoria espiritual, as valorações que se podem observar na gênese da divisão operada na concepção do espaço, nos seres pertencentes aos níveis culturais **folk** e etnológico. Enquanto na mente dos últimos impera o misticismo, o mundo da fantasia e da subjetividade religiosa, no outro, os juízos de valor e os sentimentos ligam-se a motivações na realidade concreta, objetiva, imediata; são, portanto, de essência menos espiritual, menos apegadas à realidade ambiente.[47]

2.8. Ainda, a propósito, parecem-nos cabíveis algumas considerações, que nos foram sugeridas à releitura dessa obra já hoje clássica nos estudos lexicais – INTRODUCCIÓN A LA LEXICOGRAFIA MODERNA, da autoria do lingüista espanhol Júlio Casares (Madrid, 1950).

Nos modos elocutivos ora enfocados encontrar-nos-íamos apenas em face de verdadeiras **locuções**, no plano sincrônico atual, quando aqueles representarem fórmulas estereotipadas que acusem sentido figurado; não mais correspondam à expressão exata da realidade objetiva. Estaríamos diante de autênticas **locuções verbais**, quando, ao serem proferidas as frases **botar no mato, jogar no mato**, estejam elas a significar: botar ou jogar fora, sem mais conotarem a indicação tópica primitiva.

No caso, por exemplo, das frases **ir na rua, ir pra rua**, ditas por habitante de fazenda ou sítio, ao se referirem ao povoado ou vilarejo mais próximo, onde existe **uma só rua**, a rua do comércio, etc., nesse caso e outros congêneres poderíamos falar apenas de modos alocutivos, maneiras ou formas expressivas, peculiares, revelando um **sintagma**, que – a nosso ver – deverá ser um conjunto de duas ou mais palavras vinculadas de maneira estável e com sentido unitário, mas não translatício. É claro que a distinção ora aventada poderá não passar de uma construção intelectual de sentido metodológico.

3. CONCLUSÕES

3.1. Quer as formas expressivas em estudo sejam **sobrevivências** da fala rural num determinado **continuum** rural-urbano, na dimensão temporal, quer sejam **empréstimos** dessa mesma fala difundidos à cidade através das migrações de que já nos ocupamos (difusão intra-areal). O certo é que não dispomos de documentação segura, a respeito, que nos capacite a uma concepção fundamentada acerca da origem e do processo histórico dessas locuções. Da mesma forma, nenhuma documentação, até o momento, encontra-

mos para assegurar a localização geográfica dos fatos aludidos; apenas algumas alusões ou menções de lexicógrafos apontam a área nordestina brasileira, e mesmo a subária cearense, como ponto de ocorrência predominante ou original peculiar desses modos expressivos.

Não podemos afirmar que não sejam eles procedentes de além-mar, advindos da Península Ibérica, de Portugal, enfim, trazidos em sua bagagem lingüística pelos colonizadores lusos ainda que com ligeiros matizes semânticos, alterações de forma pelo sinonímia, ou apenas revelando a propósito idêntica ou análoga formação estrutural do pensamento lingüístico. No ensejo, não será demais lembrar a existência, dentro da nossa própria área nordestina, de antigos focos de irradiação de cultura e, por certo, também de modos expressivos, no caso, segundo anotou João Ribeiro: "Pernambuco, que gera os núcleos secundários de Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas . . ."[48] Consultando o **Vocabulário Pernambucano**, da autoria de Pereira da Costa, encontramos dezenas de termos circulantes entre o povo no Ceará.[49]

Pelas mesmas razões negativas, decorrentes da ausência de documentos históricos esclarecedores, poderemos apenas **supor** que construções da mesma gênese elaborativa surjam em domínios lingüísticos diversos, sejam eles pertencentes ao nosso – o românico –, ou mesmo a outros, do ramo indo-europeu, ou não, em que essas locuções se pudessem haver constituído espiritualmente, em face das mesmas situações ambientais, a compor a cosmovisão peculiar dos falantes. Bem assim, que, no caso, houvesse sido o mesmo ou análogo o processo demográfico e cultural, tipo complexo rural-urbano, da concepção antropológica. Do ângulo antropológico-lingüístico estaríamos aqui diante de uma espécie de **convergência** ou **paralelismo** na elaboração dessas idéias elementares, apreciável ao exame comparativo de fatos da mesma ordem em várias regiões, até os mais distantes do ecúmeno. É certo que nos interessa aqui, diretamente, a **convergência** no plano da estruturação semântica, em face de idênticas ou análogas situações ambientais ou circunstâncias de fala. Contudo, julgamos não dever passar despercebido o que escreveu A. Meillet sobre "Convergências dos desenvolvimentos lingüísticos".[50]

Tudo isso, que nos leva apenas ao terreno das probabilidades, não nos impede, todavia, que busquemos, numa investigação histórica sistemática em bibliotecas, arquivos, etc., a coleta de dados que nos conduzam a **evidências** suficientemente alicerçadas.

3.2. Em solo bem mais firme cientificamente andaremos, concentrando a atenção na sincronia atual, em investigação de orientações **diatópica, diastrática** e mesmo **diafática**, em que se obedecerá a métodos e técnicas, já em uso nas ciências sociais e da cultura.

Considerada a urbe como um todo — centro e periferia —, buscaremos, quanto à coleta de dados, recorrer à amostragem, "com seleção intencionada" dos indivíduos, dentro da comunidade, segundo critérios específicos para cada caso. Entretanto, em nosso trabalho, de cunho antropológico-lingüístico, tentaremos seguir uma orientação metodológica em acordo com a tipologia proposta por Guizzetti.[51]

Iniciaremos, deste modo, pela chamada elite urbana, selecionando indivíduos de instrução superior ou apenas secundária, mas que nasceram e sempre viveram na Capital, não descaracterizados dialetologicamente por constantes viagens fora da área ou convívio demorado com pessoas de outras regiões. As pessoas selecionadas para a pesquisa não deverão possuir qualquer ligação material (familiar, **face to face** habitual, etc.) ou ideal (de valores) com o campo. Devem ser procuradas entre professores universitários ou de cursos secundários, profissionais liberais, magistrados, clérigos, militares de alta patente, etc. Em seguida, a seleção deverá centrar-se na zona periférica da cidade, bairros ou subúrbios distantes, e buscará indivíduos apenas alfabetizados ou possuidores de instrução elementar ou primária, como operários fabris ou outros, pequenos funcionários, empregados subalternos do comércio e da indústria, motoristas de caminhão, etc. De preferência indivíduos que vieram do campo para a cidade, mas não perderam a sua vinculação familiar e social, material e ideológica ao interior do Estado.

Por fim, teremos que buscar os emigrados recentemente de zonas rurais, de preferência analfabetos, e que ora se acham alojados nas várias **favelas** situadas na zona praieira ou nas cercanias da urbe.

Observa-se que na seleção deve levar-se em conta a importância de serem escolhidos os indivíduos, em todos os níveis sócio-culturais, pertencentes, pelo menos, a duas faixas etárias, em que a idade média estaria compreendida entre os 15 e os 65 anos.

Os selecionados para a investigação seriam destinados às entrevistas, aos questionários, às conversações da praxe como técnicas de pesquisa, as quais deverão ser elaboradas adequadamente.

É escusado lembrar a significação dos métodos estatísticos e outros, de índole quantitativa, a que atualmente se costuma recorrer, em busca de resultados mais precisos e objetivos. Acreditamos que, assim, com o emprego dessas técnicas metódicas possamos auferir um conhecimento mais seguro e realístico da funcionalidade atual das ocorrências lingüísticas, que ousamos intitular "marcas de ruralidade na fala urbana", tão interessantes de encontrar ainda numa cidade moderna, em via de industrialização, como Fortaleza.

3.3. Por fim, devemos considerar qualquer um desses casos integrante de u'a mensagem humana, como relativo a um "ato" de comunicação (mesmo quando o indivíduo monologue, pois está falando consigo próprio ("Não

sei por que **butei no mato** aquele papel, qu'eu agora tô precisando tanto dele!"). Deste modo, não será demais trazermos à baila a necessidade de encarar, na investigação, os "componentes desses fatos comunicativos", de acordo com a exposição de Dell Hymes, inspirado em idéias de R. Jakobson,[52] e em cujo exame são abrangidos aqueles "três tipos fundamentais de diferenciação interna em uma língua histórica", explicitados por Coseriu.

Em estudo divulgado recentemente, concluímos pela relevância do trabalho interdisciplinar que, por certo, será exigido em conseqüência dos enfoques realizados à base dos preceitos da "etnografia da comunicação".[53] Mas não será tudo. Na pesquisa histórica indispensável, deve levar-se em conta não apenas a **forma** e o **sentido**, que constituem o escopo e móvel das perquirições de ordem etimológica, mas também a busca de dados sócio-lingüísticos correlatos, não raro utilíssimos ao esclarecimento da gênese e do processo de funcionamento no contexto sócio-cultural, dentro daquela "sincronia diacrônica", a que se reporta o lingüista B. E. Vidos,[54] a qual não exclui do interesse científico os fatores extralingüísticos..

4. NOTAS E COMENTÁRIOS

1) Alves, Joaquim – HISTÓRIA DAS SECAS (SÉCULOS XVI a XIX) – **Ed. Instituto do Ceará** – Fortaleza, 1958, pp. 33-34.
2) Alencar, A. G. de – DICCIONARIO GEOGRAPHICO HISTORICO E DESCRITIVO DO ESTADO DO CEARÁ – **Tipog. Minerva** – Fortaleza, 1939, p. 408.
3) Em 1967 foi editado pelo Governo cearense um volume contendo estudos especializados sobre as migrações para Fortaleza, em o qual se procuram analisar as diversas causas destes acontecimentos, sob os ângulos econômico e sociológico, bem assim, fixar as principais zonas fisiográficas estaduais de onde procediam os emigrantes. São dados de valia para o conhecimento científico dos problemas em tela, não resta a menor dúvida; entretanto, não chegam a ministrar informes seguros acerca do curso histórico das migrações e suas origens no pretérito. V. AS MIGRAÇÕES PARA FORTALEZA – **Depart. da Imprensa Oficial** – Fortaleza, 1967, pp. 251 e segs.
4) Pirenne, H. – AS CIDADES NA IDADE MÉDIA (4a. ed.) – **Publicações Europa-América** – pp. 106 e **passim.**
5) Lynn Smith, T. – SOCIOLOGIA DA VIDA RURAL – **CEB** – Rio de Janeiro, 1946, pp. 38-40. Em ESTRUTURA DE "GRUPO DE LOCALIDADES" DO BRASIL (in ESTUDOS DE ECOLOGIA HUMANA – **Livr. Martins Edit.** – S. Paulo, 1948). Descreve o sociólogo citado as semelhanças básicas entre o que chama "grupo de localidade" do Brasil

e dos Estados Unidos, atribuindo isso ao fato de se ter empregado grandemente, no povoamento do Brasil, como no dos Estados Unidos, propriedades rurais isoladas para distribuir a população sobre as terras. Sobretudo, ressalta a pouca afinidade entre as "vizinhanças" e comunidades brasileiras da hinterlândia com as do Velho Mundo, e não vacila em declarar que aquelas não se parecem de perto com as da Europa, ou as que se encontram na maior parte dos países de língua espanhola da América. Refere-se mesmo diretamente às condições da propriedade rural, tanto em Portugal como na Inglaterra, quando se iniciou a colonização no Hemisfério Ocidental, diversas das que se observaram entre nós (op. cit., pp. 517 e segs.).

6) Id. – SOCIOLOGIA DA VIDA RURAL cit. – pp. 33-40. V. o que afirmam Sorokin e Zimmermann, citados por Smith, a propósito dessas relações mais próximas e diretas do homem do campo com a natureza.
7) Wolf, E. R. – SOCIEDADES CAMPONESAS – **Zahar Ed.** – Rio de Janeiro, 19 – pp. 13 e segs. Considera esse autor que "os camponeses fazem parte de uma ordem social mais vasta e se relacionam com ela através de suas coalizões"; por outro lado, participam de uma compreensão simbólica, de uma ideologia, que se relaciona com a natureza da experiência humana" (p. 130).
8) Guizzetti, G. F. – LA ANTROPOLOGIA CULTURAL COMO CIENCIA UNIFICADA FRENTE A LA TEORIA DE LOS NIVELES CULTURALES – **Universidad Nacional del Litoral** – Santa Fé (Argentina), 1963. V. ainda COMUNIDAD SEMI-FOLK, COMPLEXO RURAL-URBANO Y COMUNIDAD FOLK – Comunicação ao **Congresso Internacional de Folklore** – Buenos Aires, 1960. V. especialmente o **Resumen** desta última publicação (mimeografada) e pp. 64 e segs. da **Antropologia** cit. Em sua principal tese, o autor argentino sustenta a existência de tipos culturais intermediários entre a cultura folk e a rural-urbana. "As comunidades cuja cultura é um compromisso entre o folk e a rural-urbana são denominadas **semifolk**". De um ponto de vista histórico – escreve ele –, a área (localizada no sul do litoral fluvial de Santa Fé) mostra a situação do esquema dado por duas subculturas: a folk e a da **elite** urbana, por um complexo unitário: o rural-urbano. "Os bairros, o centro da urbe e as populações suburbanas nos dão o que denomino complexo rural-urbano". (Op. cit.).
9) Wolf, E. R. – op. cit. – pp. 13 e segs.
10) V. Redfield, R. – THE LITTLE COMMUNITY AND PEASANT SOCIETY AND CULTURE – **University Chicago Press** – Chicago, 1960. Figura relevante entre os estudiosos da matéria, Redfield insistiu na continuidade cultural rural-urbana, considerando que as duas subculturas não

vivem separadas, mas em correlação estrita, no plano cultural. Em sua obra, aqui citada, expressa-se a respeito: "A cultura de uma comunidade camponesa não é autônoma; é um aspecto ou dimensão da civilização de que é parte. Olhada como um sistema "sincrônico", a cultura camponesa não pode ser integralmente compreendida apenas pelo que vai na mente dos aldeões. V., especialmente, o cap. "A Organização Social da Tradição" – pp. 40-59 de PEASANT SOCIETY AND CULTRE. V. também os conceitos de Foster, citados por R. Redfield (Id. – loc. cit.).

11) Seraine, F. – PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE NÍVEIS DE NORMA (na fala atual de Fortaleza) – **II Seminário de Estudos sobre o Nordeste (Língua e Cultura Popular)** – Salvador/Bahia) – 24 a 27 de novembro de 1975 – p. 12.
12) Wastburg, W. von – PROBLEMAS Y METODOS DE LA LINGUISTICA (versão espanhola) – Madrid, 1951 – pp. 274, 287, 288). As quatro camadas do ser do homem a que se reporta o grande lingüista são aquelas que, na exposição de Nicolai Hartmann, se denominam: físico-material, orgânica, anímica e espiritual.
13) Seraine, F. – PROCESSOS DO DESEMPENHO NO PORTUGUÊS DO BRASIL – In **"Romanica Europaea et Americana"** – Festshrift für Harri Meier – Bonn, 1980 – pp. 57 e segs.
14) F. Seraine – ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO LINGUÍSTICA – Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Fortaleza, 1954 – pp. 9-10, 23-24 e segs.
15) Ulmann, S. – PRÉCIS DE SÉMANTIQUE FRANÇAISE – Berna, 1952, pp. 284-286.
16) Seraine F. – PROCESSOS DO DESEMPENHO, cit. – p. 576.
17) Cascudo, L. da C – LOCUÇÕES TRADICIONAIS DO BRASIL – 2a. ed. – Rio de Janeiro, 1977 – pp. 175-176.
18) Nascentes, A. – TESOURO DA FRASEOLOGIA BRASILEIRA – 2a. ed. – **Freitas Bastos S.A.** – Rio de Janeiro, 1966 – p. 181.
19) Barroso, G. – TERRA DE SOL (5a. ed.) – **Imprensa Universitária do Ceará** – Fortaleza, 1972, p. 147.
20) Nascentes, A. – **Op. cit.**, – p. 144.
21) Id. Ib. – p. 179.
22) Mota, L. – CANTADORES (1a. ed.) – p. 378 (**Elucidário**).
23) Macedo Soares, A. J. de – DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA – Rio de Janeiro, 1955 – II vol. p. 128 (1875-1888). Entre as definições de **mato** inclui a de "roça", sítio fora da cidade, acepção paranaense, hoje do Sul, em geral.
24) Pereira da Costa,. F. A. – VOCABULÁRIO PERNAMBUCANO (2a. ed.) – Recife, 1976 - p. 52.

25) Aulete, Caldas – DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA (Edição Brasileira) – **Delta S.A.** – Rio de Janeiro, 1958 – vol. IV – p. 317.
26) Girão, R. – VOCABULÁRIO POPULAR CEARENSE – **Imprensa Universitária do Ceará** – Fortaleza, 1967, p. 165.
27) Seraine, F. – DICIONÁRIO DE TERMOS POPULARES (registados no Ceará) – **Organização Simões Editora** – Rio de Janeiro, 1959 – p. 165.
28) Cabral, J. – DICIONÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES POPULARES – **Imprensa Universitária** – Fortaleza, 1978 – p. 531.
29) Figueiredo, C. – NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (4a. ed.) – Lisboa, 1926 – II vol. – p. 142.
30) Viotti, M. – DICIONÁRIO DA GÍRIA BRASILEIRA – Rio de Janeiro, s/d – p. 228.
31) Calmon, P. – HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA – **Brasiliana** – vol. XIV – São Paulo, 1935 – p. 43, especialmente (. . . "o mapa dos caminhos do Nordeste é, de um modo geral, a sua hidrografia . . ."). V. também Girão, R. – PEQUENA HISTÓRIA DO CEARÁ – **Ed. Batista Fontenele** – Fortaleza, 1953 – p. 76.
32) Nascentes, A. – op. cit. – p. 264.
33) Girão, R. – VOCABULÁRIO cit. – p. 207.
34) Seraine, F. – DICIONÁRIO cit. – pp. 230-231.
35) Santiago, P. – DINÂMICA DE UMA FALA – O FALAR DE ALAGOAS – Maceió, 1977 – p. 195.
36) Coseriu, E. – SENTIDO Y TAREAS DE LA DIALECTOLOGIA – **Universidad Nacional Autónoma de México** – México, 1982 – pp. 19 e segs. "Notadamente, em uma língua histórica podem comprovar-se três tipos fundamentais de diferenciação interna: a) diferenças no espaço geográfico ou diferenças **diatópicas**; b) diferenças entre os distintos estratos sócio-culturais da comunidade idiomática, ou **diastráticas**; e c) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, segundo as circunstâncias constantes do falar (falante, ouvinte, situação ou ocasião do falar e assunto de que se fala), diferenças **diafáticas**" (loc. cit.).
37) Vendryes, J. – EL LENGUAJE – **Ed. Cervantes** – Barcelona, 1943 – p. 260 (versão espanhola).
38) Id. ib. – pp. 280-288. V. também Porzig, W. – DAS WUNDER DER SPRACHE (2a. ed.) – Berna, 1957 – Cap. I, especialmente. Este autor se expressa claramente: "os nomes indicam a posição de uma comunidade com respeito às coisas do mundo circundante". "A relação dos nomes com as coisas não está dada naturalmente nem arbitrariamente estabelecida; está condicionada pela história do espírito". (Loc. cit.).

39) Meillet, A. – LINGUISTIQUE HISTORIQUE ET LINGUISTIQUE GÉNÉRALE – **Champion Éditeur** – Paris, 1948 – p. 243.

40) Id. ib. – p. 242 – V. ainda Porzig, W. – op. cit. – **loc.** ed.

41) Linn Smith, J. – ESTRUTURA DE "GRUPO DE LOCALIDADE" cit. – p. 515.

42) Id. ib. – p. 522 e **passim**.

43) Vieira, Fr. Domingos – THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA – Porto, 1973 – vol. IV e V; Moraes e Silva, A. de – DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA – **Impressão Régia** – Lisboa, 1831 – vol. II – pp. 290 e 270; Machado, J. P. – DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1a. ed.) – Lisboa, 1959 – vol. II – p. 1915.

44) Nascentes, A. – DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1a. ed.) – Rio de Janeiro, 1832 – p. 700.

45) Bally, C. – V. El LENGUAJE Y LA VIDA – **Ed. Losada** – Buenos Aires, 1941 – p. 169 (versão espanhola de Amado Alonso).

46) Cassirer, E. – EL LENGUAJE Y LA CONSTRUCCIÓN DEL MUNDO DE LOS OBJETOS – In "**Psicología del Lenguaje**" – Ed. Paidos – Buenos Aires, 1952 – pp. 20 e segs. V. também Wartburg, W. von – **Op.** cit., **loc.** cit.

47) Eliade, M. – O SAGRADO E O PROFANO – **Livros do Brasil** – Lisboa, 1956 – pp. 36 e segs. Estudando a essência das religiões, chega Eliade a afirmar que "até a existência mais des-sacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo "e que" à primeira vista, essa rotura no espaço parece devida à oposição entre um território habitado e organizado e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras", mas, "em última análise, ver-se-á que todo o território habitado é um "cosmos", justamente porque foi consagrado previamente . . ." (**Op.** cit. – **loc.** cit.).

48) Ribeiro, João – HISTÓRIA DO BRASIL (Curso Superior) – Rio de Janeiro, 1900 (1a. ed.). Ap. Ribeiro, Joaquim – FOLKLORE BRASILEIRO – Rio, 1944 – p. 92.

49) Pereira da Costa, F. A. – **Op.** cit. Exs.: **abacaxi, abafado, aboticado, acachapado, balandrau, cambão, desencabeçar, embocar, engalicado, entaboado, madorna, malhada, paraíba, pardavasco, proa, pubo, pulutana** e dezenas de outros brasileirismos, especialmente semânticos.

50) Meillet, A. – **Op.** cit. – pp. 61 e segs. Em certo passo desta obra considera o agudo lingüista: ". . . estas são as expressões que circulavam em cada uma das grandes famílias que constituíam a unidade social, por excelência; "on y opposait l'enclos familial, de **dvar slave**, a tudo o que se achava fora (**en dehors**), notadamente **aux champs** (p. 243).

51) Guizzetti, G. F. – LA ANTROPOLOGIA CULTURAL COMO CIENCIA UNIFICADA, cit. – v. especialmente pp. 61 e segs.
52) Hymes, Dell – FOUNDATIONS IN SOCIOLINGUISTICS – **University of Pennsylvania Press** – Filadélfia, 1974 – p. 10.
53) Seraine, F. – CONTRIBUIÇÃO METODOLÓGICA AOS ESTUDOS LEXICAIS – In "Revista do Instituto do Ceará" – Tomo 94 – pp. 15-43 – Fortaleza, 1980.
54) Vidos, B. E. – EMPRUNTS ET TERMES TECHNIQUES – In "Actas" – IX Congresso Internacional de Lingüística Românica – Lisboa, 1961 – vol. I – pp. 295-300.